

Canções e Gerações: uma experiência de musicoterapia intergeracional em andamento

Mauro Pereira Amoroso Anastacio Junior

A relações intergeracionais se desenvolvem inicialmente no ambiente familiar e se expandem para as dinâmicas comunitárias e para outras esferas da vida em sociedade. Elas são moldadas por contextos sociais, históricos e culturais, e podem ser intencionalmente promovidas por meio de práticas intergeracionais, compreendidas como atividades planejadas que reúnem pessoas de diferentes gerações com objetivos de aprendizado, cooperação e troca de experiências. Tais práticas podem fortalecer a coesão social e promover o intercâmbio de saberes, valores e vivências entre as gerações (Brasil, 2022).

Para além da interação, é importante considerar a intergeracionalidade como um conceito fundamental mais amplo neste contexto, entendido como um espaço simbólico de vida, onde se desenvolvem e se valorizam potencialidades individuais e coletivas, não se configurando apenas como o contato entre pessoas de diferentes faixas etárias (Sánchez, 2007). Aprofundar a compreensão sobre a intergeracionalidade é importante para a promoção de encontros significativos, ampliando os seus propósitos e promovendo benefícios sociais, educacionais e afetivos (Côrte & Ferrigno, 2018).

A prática intergeracional mediada pela música constitui-se como uma dessas possibilidades, ao mediar encontros entre gerações a partir de experiências estéticas e relacionais compartilhadas. Neste contexto, a vivência musical pode contribuir para a promoção da saúde emocional entre as pessoas idosas e para o fortalecimento dos vínculos intergeracionais, possibilitando mudanças nas percepções sobre o envelhecimento entre as gerações mais jovens e colaborando para o enfrentamento do idadismo (Jang, 2020).

O idadismo pode ser compreendido como um conjunto de estereótipos, preconceitos e atitudes discriminatórias fundamentadas na idade. Seu enfrentamento por meio de práticas intergeracionais é indicado, pois favorece o convívio, o reconhecimento mútuo e a valorização das diferentes fases da vida (OPAS, 2022). Nos contextos de atenção à saúde, pode comprometer o acesso de pessoas idosas a recursos, informações e cuidados adequados, contribuindo para a perpetuação de desigualdades e situações de negligência. Diante disso, o fortalecimento do diálogo entre pessoas idosas e profissionais da saúde é importante para a construção de práticas mais humanizadas e inclusivas (Araújo, 2023).

Embora estudos internacionais já tenham investigado experiências musicais em contextos intergeracionais (Jang, 2020; Detmer et al., 2020; Belgrave, 2011),

ainda são escassas as pesquisas brasileiras que abordam essa temática, especialmente no que diz respeito ao seu potencial formativo envolvendo estudantes da área da saúde. Diante dessa lacuna, o presente artigo apresenta o desenvolvimento de uma proposta musicoterapêutica intergeracional atualmente em curso. A partir da articulação entre a prática musicoterapêutica e os princípios que fundamentam as práticas intergeracionais, o texto discute a relevância dessas experiências para a promoção de encontros significativos entre as gerações. Busca-se, assim, oferecer subsídios teóricos e metodológicos que possam orientar futuras iniciativas.

Práticas intergeracionais e generatividade

As práticas intergeracionais tiveram início nos Estados Unidos ao final da década de 1960, como resposta à crescente distância geográfica entre as gerações no contexto familiar. Na década de 1980, no Canadá, essas práticas foram desenvolvidas para enfrentar questões sociais relacionadas às demandas culturais, econômicas, sociais e de cuidado. A partir dos anos 1990, essas ações passaram a ser valorizadas como estratégias para o fortalecimento do desenvolvimento comunitário, sendo ampliadas por meio da criação de centros intergeracionais e pela divulgação de seus benefícios (Newman & Sánchez, 2007; Villas-Boas et al., 2015).

A prática intergeracional deve ser inclusiva e fundamentada em potenciais, ou seja, nos recursos positivos que os mais jovens e os mais velhos têm a oferecer mutuamente (Hatton-Yeo & Batty, 2011). Os programas podem envolver diferentes gerações com objetivos diversos, incluindo a aprendizagem de serviço, a assistência e a história oral (Pinazo-Hernandis & Sánchez, 2024).

Um dos elementos-chave dos programas intergeracionais é a educação intergeracional (Villas-Boas et al., 2015), aprofundando o conhecimento sobre a intergeracionalidade como campo teórico importante para fomentar e potencializar encontros (Côrte & Ferrigno, 2018). Nesse sentido, os valores da intergeracionalidade incluem a interdependência, a solidariedade e a reciprocidade, indo além de reunir diferentes gerações em um mesmo espaço. Em grupos, a intergeracionalidade relaciona-se à promoção do desenvolvimento, além de se referir a um lugar de vida (Sánchez, 2007).

A generatividade, por sua vez, é um fator-chave para a compreensão do processo de transmissão intergeracional, por meio do qual os legados são passados às gerações seguinte (Pinazo-Hernandis & Sánchez, 2024). Segundo a teoria da generatividade de Erikson, pessoas idosas têm o desejo de transferir conhecimento para as gerações mais jovens, implicando em um compromisso com o cuidado (Erikson, 1982). Erikson (1963) descreveu a generatividade como a preocupação em estabelecer e guiar a próxima geração.

A percepção positiva em relação à possibilidade de alcançar metas generativas, como ser útil ou sentir-se necessário, está associada a trajetórias de envelhecimento mais saudáveis (Gruenewald et al., 2012). Nesse contexto, a generatividade se vincula ao bem-estar individual, porém isso depende do grau

em que as ações de alguém são valorizadas e respeitadas pelos outros. Embora a generatividade favoreça o senso de continuidade, ela requer que as novas gerações possuam a capacidade de se desvincular de determinados legados herdados do passado (Cheng, 2009).

Quando a prática intergeracional é conduzida de forma intencional e bem fundamentada, ela pode reduzir o isolamento em pessoas idosas, especialmente em períodos de transição, como a aposentadoria, a viuvez ou a saída dos filhos do lar. A participação nesses programas fortalece o senso de valorização pessoal, ao possibilitar que pessoas idosas contribuam para a comunidade. As interações oferecem espaço para a transmissão do legado social, incluindo experiências, saberes e valores (Sneed et al., 2021).

Relações intergeracionais, idadeísmo e saúde

O termo idadeísmo (do inglês *ageism*), foi introduzido em 1969 por Robert Butler, que foi o primeiro diretor do Instituto Nacional do Envelhecimento dos Estados Unidos. O idadeísmo influencia negativamente o bem-estar social da pessoa idosa, com aumento do isolamento social e da solidão, associados a efeitos graves na saúde física e mental (Chang et al., 2020). Dessa forma, constitui-se como um fator significativo para o declínio do bem-estar social e da qualidade de vida entre pessoas idosas.

De acordo com a Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS, 2022), intervenções que promovam o contato intergeracional figuram entre as estratégias mais eficazes na redução do preconceito em relação às pessoas idosas. Corroborando essa perspectiva, um estudo realizado em 25 países da União Europeia identificou que indivíduos que relataram manter amizades intergeracionais apresentaram menores níveis de idadeísmo (Dykstra; Fleischmann, 2018).

Na área da saúde, o idadeísmo pode levar profissionais a subestimarem as necessidades e potencialidades das pessoas idosas, resultando em práticas negligentes e na reprodução de estereótipos que comprometem a qualidade do cuidado. A adoção de posturas anti-idadistas pode contribuir para a construção de ambientes de cuidado mais inclusivos. Para isso, destaca-se a importância do treinamento específico e da incorporação de abordagens centradas na pessoa idosa (Inouye, 2021).

Considerando os impactos negativos do idadeísmo sobre a saúde e o bem-estar da população idosa, torna-se necessário que profissionais das áreas da saúde e do cuidado estejam sensibilizados e capacitados para reconhecer esse fenômeno e adotar posturas anti-idadistas em sua atuação. Este estudo propõe que práticas intergeracionais mediadas pela música, quando incorporadas aos processos formativos e às dinâmicas institucionais, podem contribuir para a desconstrução de estereótipos associados ao envelhecimento, promovendo a qualificação do cuidado e o fortalecimento de uma ética profissional comprometida com o respeito à diversidade.

Harmonia entre Gerações: um projeto em andamento

A musicoterapia é um campo de conhecimento e profissão recém regulamentada no Brasil (Brasil, 2024). O musicoterapeuta, por sua vez, é o profissional graduado ou pós-graduado na área, responsável por conduzir intervenções individuais ou em grupo para promover a melhoria da qualidade de vida e da saúde, abrangendo aspectos multidimensionais.

A Musicoterapia Intergeracional, por sua vez, cria um espaço simbólico de encontro e de troca entre pessoas de diferentes gerações, mediado pela música. Nesse espaço, experiências musicais compartilhadas possibilitam o convívio, a escuta, o reconhecimento das histórias e saberes e a construção de aprendizados coletivos.

Na Flórida, um programa reuniu crianças e pessoas idosas em experiências musicais e conversas temáticas. Os resultados mostraram uma mudança positiva na forma como as crianças passaram a representar os idosos, enquanto estes relataram sentimentos de utilidade (Belgrave, 2011). Em outro estudo, Jang (2020) investigou um coral formado por pessoas idosas e estudantes, observando benefícios como apoio social e a transformação das percepções dos jovens sobre o envelhecimento.

No Brasil, Cunha (2016) apresentou uma reflexão sobre os aspectos multidimensionais que compõem a prática musical em musicoterapia com grupos. Entre os exemplos, a autora descreveu uma vivência intergeracional envolvendo comunidade, alunos e professores. Segundo a autora, a experiência promoveu trocas culturais, afetivas e sociais, estimulando a expressão e a escuta empática em um espaço de acolhimento, pertencimento e reconstrução de sentidos (Cunha, 2016).

Com base nesses estudos prévios e nos fundamentos apresentados, este projeto de pesquisa em andamento foi desenvolvido com o objetivo de explorar e compreender a vivência de uma experiência intergeracional em musicoterapia a partir das percepções dos participantes, e oferecer subsídios para o desenvolvimento de iniciativas semelhantes no futuro. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa em abril de 2025 (CAAE 87081925.6.0000.5632).

O grupo é formado por cinco estudantes das áreas de musicoterapia e nutrição, e sete pessoas idosas com idades entre 60 e 84 anos. O processo consiste em 12 encontros semanais, previstos para acontecer entre maio e agosto de 2025, às quintas-feiras, das 10h às 11h30, em um espaço musical localizado em Campinas (SP).

Os encontros são conduzidos por um musicoterapeuta e foram estruturados para promover a escuta, o aprendizado e o compartilhamento de experiências. O local conta com um piano e uma variedade de instrumentos de percussão.

Imagem 1: Registro do Encontro de Musicoterapia Intergeracional



Fonte: acervo do autor (2025)

Os encontros incluem os métodos musicoterapêuticos descritos no Quadro 1. A improvisação cumpre um papel significativo, neste contexto, como meio de escuta e expressão não verbal criativa, permitindo que os mundos internos dos participantes se manifestem e se conectem por meio do conteúdo sonoro-musical (Mccaffrey, 2013). A participação dos membros é ativa, prevendo o favorecimento da horizontalidade.

Quadro1: Métodos Empregados no Processo de Musicoterapia Intergeracional

Método	Descrição resumida	Objetivos principais
Improvisacionais	Criação livre com instrumentos ou voz, com ou sem referências temáticas.	Favorecer a escuta mútua, expressão emocional e construção de identidade. Desenvolver comunicação e colaboração.
Recriacionais	Execução de canções conhecidas ou peças instrumentais, incluindo canto em grupo e jogos musicais.	Estimular o senso de pertencimento, empatia e partilha musical. Reforçar vínculos e papéis sociais.
Composicionais	Criação ou adaptação de canções, como escrita coletiva, transformação de letras ou colagens musicais.	Promover expressão pessoal, tomada de decisão conjunta e reflexão sobre temas significativos.
Receptivos	Escuta de músicas para evocação de memórias, sentimentos ou discussão de temas propostos.	Estimular a memória afetiva, promover discussões, conexões emocionais e facilitar o diálogo.

Fonte: adaptado de Bruscia (2014)

Para ilustrar a dinâmica do grupo, foi produzido um registro audiovisual, disponível no link: <https://youtu.be/t5i5cHHnFgo>. O vídeo apresenta um momento coletivo em que os participantes tocam instrumentos de percussão e cantam juntos uma composição proposta pelo musicoterapeuta. A canção — “Já é quinta-feira, nos reunimos novamente pra cantar, já é quinta-feira, contando histórias pra poder compartilhar” — aborda de forma resumida alguns aspectos fundamentais do grupo.

Após as experiências, os participantes são convidados a compartilhar percepções, sensações e memórias. Até o momento, as canções que emergiram do processo abrangeram um repertório datado entre 1959 e 2003, refletindo temas como juventude, identidade, religiosidade, e cooperação, e contemplaram diferentes gêneros e idiomas. A partir das canções, foram discutidos significados e memórias como via de expressão de emoções, de perspectivas e de experiências de vida.

Ao término do processo, serão conduzidas entrevistas individuais com os participantes, conforme os princípios da abordagem fenomenológica, com o objetivo de investigar a essência da experiência vivida a partir da perspectiva dos envolvidos. As gravações em vídeo das sessões também serão analisadas, contribuindo para a compreensão das dinâmicas relacionais, expressões musicais e interações vivenciadas.

A proposta fundamenta-se na potência da experiência musical como linguagem mediadora de encontros sociais. A escuta, a valorização dos repertórios pessoais e a criação musical colaborativa têm favorecido um espaço de trocas e de construção de vínculos, alinhando-se à perspectiva de Sánchez (2007), que concebe os grupos intergeracionais como espaços de vida e de desenvolvimento de potencialidades coletivas.

A inserção de estudantes da área da saúde é pautada na intenção de ampliar o escopo tradicional das práticas, aproximando-se de um modelo comunitário e de promoção da saúde. A vivência conjunta pretende promover deslocamentos simbólicos, especialmente no que diz respeito à desconstrução de estereótipos associados ao envelhecimento. As análises poderão sugerir o potencial dessa proposta intergeracional na redução do idadismo, conforme sugerido por Dykstra e Fleischmann (2018) e pela OPAS (2022).

Para os estudantes, essas interações representam a oportunidade de refletir sobre sua futura atuação profissional com base no desenvolvimento de uma abordagem centrada na pessoa, em consonância com as recomendações de Inouye (2021).

Por outro lado, a possibilidade de transmitir conhecimentos e valores às gerações mais jovens poderá contribuir para o fortalecimento do senso de continuidade entre as pessoas idosas, como apontado por Erikson (1982) e Sneed et al. (2021). Assim, o projeto adota a generatividade como um dos eixos centrais da experiência, propondo vivências musicais que favoreçam essas dinâmicas.

Considerações Finais

O projeto em andamento apresentado neste artigo se apoia na musicoterapia como estratégia de mediação de encontros intergeracionais, favorecendo o reconhecimento, a escuta e a valorização de repertórios musicais e de vida. Trata-se de um estudo descritivo preliminar, cujas análises ainda estão em desenvolvimento. Assim, este artigo não se propõe a apresentar resultados conclusivos, mas sim a compartilhar a fundamentação teórica, os objetivos e os procedimentos metodológicos da proposta.

Espera-se que o projeto, e seus resultados, ofereçam subsídios teórico-práticos com implicações relevantes para a elaboração de políticas públicas que incentivem a convivência intergeracional e de oportunidades em processos formativos para profissionais da saúde. Investigações futuras poderão discutir o quão a proposta se mostra passível de replicação em contextos educacionais, comunitários ou institucionais.

Referências

ARAÚJO, PO et al. Ageism directed to older adults in health services: A scoping review. *Rev Latino-Am Enfermagem* 2023; 31:e4019.

BELGRAVE, M. The effect of a music therapy intergenerational program on children and older adults' intergenerational interactions, cross-age attitudes, and older adults' psychosocial well-being. *J Music Ther* 2011; 48(4):486-508.

BRASIL. Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. Guia para implementação de boas práticas e programas intergeracionais. Brasília: MMFDH; 2022.

BRASIL. Lei nº 14.842, de 11 de abril de 2024. Dispõe sobre a atividade profissional de musicoterapeuta. *Diário Oficial da União*, 11 abr. 2024. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2024/lei/L14842.htm

CHANG ES, KANNOTH S, LEVY S, WANG SY, LEE JE, LEVY BR. Global reach of ageism on older persons' health: a systematic review. *PLoS One* 2020; 15(1):e0220857.

CHENG ST. Generativity in later life: perceived respect from younger generations as a determinant of goal disengagement and psychological well-being. *J Gerontol B Psychol Sci Soc Sci* 2009; 64(1):45–54.

CÔRTE B, FERRIGNO JC. Programas intergeracionais: estímulo à integração do idoso às demais gerações. In: Freitas EV, Py L, eds. *Tratado de Geriatria e Gerontologia*. 4 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2018. p.1526–1534.

CUNHA R. Uma perspectiva da atividade musical em grupo: musicoterapia social e comunitária. *Cuad Música Artes Vis Escén* 2016; 11(2):237-249.

DETMER MR et al. Intergenerational music therapy: effects on literacy, physical functioning, self-worth, and interactions. *J Intergener Relatsh* 2020; 18(2):175-195.

DYKSTRA PA, FLEISCHMANN M. Are societies with a high value on the Active Ageing Index more age integrated? In: Zaidi A, Harper S, Howse K, Lamura G, Perek-Bialas J, eds. *Building Evidence for Active Ageing Policies*. Singapore: Springer; 2018. p.19–37.

ERIKSON EH. *Childhood and society*. New York: Norton; 1963.

ERIKSON EH. *The life cycle completed: a review*. New York: Norton; 1982.

GRUENEWALD TL, LIAO DH, SEEMAN TE. Contributing to others, contributing to oneself: perceptions of generativity and health in later life. *J Gerontol B Psychol Sci Soc Sci* 2012; 67(6):660–665.

HATTON-YEO A, BATTY C. Evaluating the contribution of intergenerational practice to achieving social cohesion. In: Ratcliffe P, Newman I, eds. *Promoting Social Cohesion: Implications for Policy and Evaluation*. Bristol: Policy Press; 2011. p.243–258.

INOUYE SK. Creating an anti-ageist healthcare system to improve care for our current and future selves. *Nat Aging* 2021; 1(2):150-152.

JANG S. Intergenerational choir: A qualitative exploration of lived experiences of older adults and student music therapists. *J Music Ther* 2020; 57(4):406-431.

MCCAFFREY T. Music therapists' experience of self in clinical improvisation in music therapy: A phenomenological investigation. *Arts Psychother* 2013; 40(3):306-311.

NEWMAN S, SÁNCHEZ M. Los programas intergeneracionales: concepto, historia y modelos. In: Sánchez M, ed. *Programas Intergeneracionales: Hacia una Sociedad para Todas las Edades*. Barcelona: Fundación “La Caixa”; 2007. p.37–51.

OPAS. Relatório mundial sobre o idadismo. Washington, D.C.: Organização Pan-Americana da Saúde; 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.37774/9789275724453>

PINAZO-HERNANDIS S, SÁNCHEZ M. Intergenerational programs and generativity. In: Villar F, Lawford HL, Pratt MW, eds. *The Development of Generativity Across Adulthood*. Oxford: Oxford University Press; 2024. p.426–441.

SÁNCHEZ M, ed. *Programas intergeneracionales: hacia una sociedad para todas las edades*. Colección Estudios Sociales, n. 23. Barcelona: Fundación “La Caixa”; 2007.

SNEED RS et al. Developing and maintaining intergenerational relationships in an economically vulnerable community: findings from the Flint Women's Study. *J Women Aging* 2021; 34(6):706–718.

VILLAS-BOAS S et al. Conhecimento da comunidade local para a elaboração e implementação de programas intergeracionais. *Rev Bras Estud Popul* 2015; 32(1). Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbepop/a/37SkXvf9rhvzhNQGptSVy7k/?lang=pt>

Data de recebimento: 30/08/2025; Data de aceite: 15/09/2025

Mauro Pereira Amoroso Anastacio Junior - Doutorando em Gerontologia pela Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), com período de doutorado sanduíche realizado na Radford University, na Virgínia (EUA). É mestre em Ciências pelo Programa de Pós-Graduação em Gerontologia da Universidade de São Paulo (USP), bacharel em Musicoterapia pelas Faculdades Metropolitanas Unidas (FMU) e em Música pela Unicamp. Atua como docente em cursos de pós-graduação em Musicoterapia. Foi secretário da Associação de Profissionais e Estudantes de Musicoterapia do Estado de São Paulo (Apemesp) e da União Brasileira das Associações de Musicoterapia (UBAM). É um dos organizadores e autores do livro *Musicoterapia e Gerontologia: Teoria e Prática* (Editora Alínea, Campinas) de 2023. E-mail: mauroanastacio@gmail.com.